



Pensamentos soltos...
entre crônicas e versos

© Gilson Cruz Chaves, 2026
Distribuição gratuita autorizada pelo autor.
Proibida a venda sem autorização.

INTRODUÇÃO

Quantos acasos formam este quebra-cabeça imprevisível que é a vida?

Quando digo que muitas coisas acontecem por acaso, refiro-me àquelas sobre as quais não exercemos — ou não podemos exercer — nenhum controle. Um esbarrão que resulta num encontro eterno; números aleatórios que transformam pobres em milionários ou milionários em miseráveis. O imprevisto, para quem sofre sua ação, poderia ser descrito como a condição de “vítima do acaso”.

Lembro-me de que, em um desses movimentos dessa imensa cadeia de acasos, senti-me atraído por um perfil em uma das muitas redes sociais. Ela costumava se identificar como “Pensamentos Soltos”.

Em seu histórico havia um diário emocional que ia das preocupações com a saúde da mãe às dificuldades em se relacionar com o irmão, passando pelo orgulho pela filha. Sentia-se solitária ao ver o amanhecer, mas alegrava-se com o som dos feirantes na madrugada — parecia encontrar alegria em ver a vida fluir.

O tempo passou, e hoje não me recordo mais o nome daquela menina. Lembro apenas de que, certa vez, em um de seus momentos difíceis, escrevi em seu perfil:

“Menina, as coisas se ajustam com o tempo.”

Esse mesmo tempo que coloca em nossos caminhos pessoas incríveis também se encarrega de nos afastar. Entre músicas, livros e noites insones, nunca mais ouvi falar da menina dos pensamentos soltos, de ideias aleatórias.

Entendi, então, que dar liberdade aos pensamentos tem o poder de iluminar momentos tensos de escuridão.

Hoje, em *Pensamentos Soltos... entre poemas e crônicas*, assento os pensamentos que se perderam em antigos versos, velhas crônicas e reflexões dispersas.

À Menina de Pensamentos Soltos...

Dedicatória

A todos aqueles que amam o simples.
Que amam o riso, a flor, o vento, o som dos
feirantes nas madrugadas e as histórias pra
contar...

Índice

Andanças

Minha pequena cidade: Santa Terezinha

Iaçu – Poesia e História

Marcionílio Souza

Itaberaba

Povoado Duas Irmãs

Narrativas

A velha banda

Os velhos seresteiros

Papo de ET: OVNI's por aí

Cenas do cotidiano

Varandas vazias

O mundo dos robôs

De degraus e silêncios

Entre versos e pensamentos

Poema ao amanhecer do Outono

Noites de Outono

Do começo ao fim

Poeta (Sinfonia de Asas e Versos)

A prisão da alma

Se pudesse voltar no tempo

Pensamentos soltos...

Eu odeio chavões

Qual o seu idioma?

Andanças:



Minha pequena cidade: Santa Terezinha

*"Se me ponho a cismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era bela,
Parece-me que foi noutras esferas,
Parece-me que foi numa outra estrela".*

"A Rua" - Mario Quintana

Não sei se o prédio da Prefeitura era cinza ou se essa é a cor da minha memória, mas era verão quando lá cheguei, há muito tempo.

Os velhos bancos deteriorados numa velha praça de imensas árvores nativas, sem ladrilhos, castigada pelo andar de milhares de pessoas ao longo dos velhos anos.

De frente com a praça, a tradição de Seu João do Bar, a meiguice da Professora Marlene e os doces risos iluminados de Dona Lourdes, do outro lado o velho Policarpo.

Senti-me bem-vindo.

Dona Maria Medrado e as velhas fotografias falavam um francês perfeito e um belo inglês - privilégio de uma antiga elite.

Lembro das histórias que contava...

Suas fotografias me deixaram apaixonado pelas histórias de sua vida.

Seu primeiro amor, seus pais, primos e irmãos me mostraram o quanto a vida pode mudar em tão pouco

tempo.

Ela decidira viver só.

Caminhando mais à frente, havia o Paço Municipal e um espaço que seria, no futuro, a Câmara Municipal dos Vereadores.

Antes, as sessões eram realizadas num velho espaço na Praça da Bandeira, vizinho ao cadastro de Serviço Militar, de onde se podia ver o Clemenceau Teixeira.

Num desses debates políticos um homem foi assassinado. Não me recordo o destino do assassino.

Uma discussão, uma fuga...e uma morte sob as árvores no quintal da própria vítima.

O Clemenceau era o antigo colégio onde os alunos pareciam felizes por estudar.

Aquele prédio onde, havia muito tempo, tratavam as folhas do fumo. Lá conheci a Nair.

Nair era jovem, linda, como também lindo era o seu jeito de falar. Amava o Fernando Mendes e Giz, da Legião Urbana.

Amiga das melhores histórias e que jovem, deixou um vazio imenso nu mundo.

Na mesma rua havia a Delegacia de Polícia e o delegado Joanito e o cabo Bellini.

Joanito era amável e corajoso.

Disfarçado de mulher, em uma ocasião, conseguiu abater um bandido extremamente violento.

Devia ser uma mulher bem estranha... ele costumava usar uma senhora barba.

Mas era paciente.

Da Praça da Bandeira havia uma subida para a rua, que seria o Alto do Sossego, onde moravam os Ferreira e de lá uma descida para a Rua da Casa Forte... onde morei e descobri os escorpiões...

Não, não sou amigo deles.

Era lá que moravam as crianças Yana, Everaldo, Nil... e no número 16, a Nair.

Quando cheguei naquela rua havia ainda um grande rebuliço; uma pessoa querida havia perdido a vida. Afogado.

Triste começo.

Descendo a Rua da Casa Forte, havia a entrada para a rua do Minadouro, ou Minador, onde sempre morará em minhas memórias a Professora Dinalva.

Ela amava me presentear com mangas e mangas.

Dona Edite, era a encarregada de me entregar.

Pessoas amadas que ficaram no tempo.

As velhas e belas árvores embaladas pela ventania me encantavam tanto quanto me assustavam.

Como era uma rua sem saída, então costumava voltar e andar em nova direção pelas ruas 2 de Julho, onde morava o Bigu e o meu amigo Nereu.

Nereu morava no Rio, amava o Vasco e me explicava política... se tornou um grande amigo e colega de trabalho.

Havia também um campo próximo à Rua 2 de Julho, e por isso chamavam-na também de Rua do Campo (e isso me enlouquecia; numeração repetida era sinônimo de confusão...)

A rua de cima era a Rua Elísio Medrado, tio da Dona Maria, da primeira rua em frente à praça, que me disse

uma vez ser este uma pessoa muito bondosa.

Que ajudava os doentes.

Não sei se, por coincidência, esta rua levava ao município com o mesmo nome, mas antes, na metade do caminho, me permitia descer e visitar Pedra Branca, onde conheci a Almerinda.

Impossível não amar a Almerinda... sempre preocupada com os filhos.

Mas, desta vez, voltei da Rua e encontrei a Rua das Pedrinhas, onde moravam os Moraes.

E, de lá de cima, vi a pequena ponte entre as ruas 2 de Julho, Pedrinhas e a Praça da Bandeira, vizinhas à Duque de Caxias.

Resolvi não voltar pelo mesmo caminho; segui em frente e cheguei à rua Alto da Boa Vista.

De lá de cima, olhei a primeira rua.

O grande prédio da Igreja.

A minha praça favorita, onde fui vizinho por um tempo.

Vi a Rua José Batista, Castro Alves, Armando Messias...

Não havia muitas ruas.

Talvez o casarão em frente à agência onde trabalhei por dez anos ainda guarde as memórias de uma linda bailarina que um dia passou as férias naquela pequena cidade.

Ou a pequena agência da época guarde a tristeza de estar só, por tanto tempo.

Talvez pareça estranho lembrar tanta coisa depois de quase trinta longos anos...

Recordo a ternura de Moreninha, a prefeita eleita na

ocasião, Clemente, o ex-prefeito da época, Dona Antonia, Lu, Damina, Bia, Dona Margarida, meu irmão Rubão e a estrada que levava a Castro Alves...

Onde os moradores revoltados um dia queimaram pneus em protesto pelas péssimas condições da pista...

Dia histórico!

Quando cheguei, a cidade era pequena e talvez não tenha crescido tanto.

Tive receios de voltar e encarar as memórias.

A cidade era pequena e grande para mim, que não conhecia muitas pessoas e que se apaixonou por todos de uma maneira bem especial, embora vivesse sozinho, longe da família e dos velhos amigos.

O vento soprava nas minhas madrugadas e, por muitos anos, foi o som das minhas noites.

Me traziam versos que não pude compartilhar e que destruí quando chegou a hora de partir.

- E parti.

E a imagem daquela pequena cidade ainda permanece gravada, como uma fotografia, em minha mente.

Impossível não recordar a Ene se preocupando em ajudar as pessoas, o amor entre as famílias com quem pude trabalhar, a Ellis que amava a Argentina, o incrível Doutor Marcos...

Impossível esquecer o céu e a lua, nascendo brilhantes no horizonte, entre os montes, fazendo companhia a mim, aos meus livros e ao violão, naquela mesma velha praça. Cheia de árvores.

Muitos ainda habitam as minhas memórias e sonhos.

As recordações me arrebatam aos meus vinte e três anos,

quando a cidade apenas começava a despertar.

Quando a lua, as ruas escuras e a solidão de minha pequena casa me ensinavam o duro processo de crescer.

E meus passos se apagaram também, como os passos daqueles que caminharam na velha praça antes de mim.

Talvez, no futuro, com cabelos ainda mais grisalhos, eu volte e trabalhe apenas mais um dia na terra em que comecei... faça as pazes comigo mesmo e abrace pela última vez, para sempre, o meu pequeno lar.

A cidade de Santa Terezinha.

*“Mas, as coisas findas,
Muito mais que lindas, estas ficarão”*
- Carlos Drummond de Andrade



Iaçu – Poesia e História

Iaçu

Quem dera, Iaçu,
as tuas águas levassem a saudade
e trouxessem de volta os tempos
do menino que sonhava não partir.

Quem dera,
os teus meninos não migrassem mais,
como pássaros, à procura de novos ninhos,
e aqui crescessem, se assim quisessem.

Recordo
as aulas da Lolita,
a doçura da Pró Marlene
e o amor de Mil...
amada Altamira.

Lembro da escola,
e do Amizade nas manhãs de sexta-feira,
o fardamento azul e branco do CEI
era como um céu escuro, de nuvens claras...

Os meninos na velha ponte,
o futsal nos sábados,
e o velho ônibus partindo...

Quem dera, Iaçu,
voltar ao mesmo rio
e ouvir os mesmos risos,
e poder trazer de volta essa energia,
esse amor,
essa alegria.

Quem dera, quem dera, Iaçú.

Um pouco de história

“Através da Lei Estadual nº 1026, de 14 de agosto de 1958, surge Iaçú, desmembrado de Santa Terezinha, elevando a categoria de município, projeto do deputado estadual José Medrado”.

A história de Iaçú remonta à época da colonização portuguesa no Brasil, com as terras sendo inicialmente concedidas a Estevão Baião Parente, em 1674. Após sua morte, as terras passaram por diversas sucessões de herdeiros, marcadas por vendas e arrematações, até que em 1831 foram adquiridas pelos Irmãos Januário.

O povoado de Sítio Novo, mais tarde renomeado como Paraguaçu, começou a se desenvolver com a chegada dos trilhos da estrada de ferro em 1882, proporcionando progresso e atraindo novos moradores.

O desenvolvimento foi impulsionado pela estrada de ferro, que facilitou o transporte e o comércio na região. Apesar do crescimento, a região enfrentou desafios. A cidade, predominantemente rural e pacata, mantém sua conexão com o rio Paraguaçu, onde a pesca ainda é uma atividade importante.

Atualmente, Iaçú é uma cidade rural, próxima a Itaberaba, localizada às margens do rio Paraguaçu. Sua economia é impulsionada pela produção de blocos de cerâmica e pela agropecuária, com destaque para culturas como mamona, abóbora, melancia e abacaxi. A cidade também possui pequenos empreendimentos agrícolas familiares.

Desde os anos 80, a cidade conta com hospital e

maternidade.

No campo cultural, a cidade de Iaçú dispõe de um belo repertório de artistas. O principal incentivador no campo do desenvolvimento da comunicação do município é o Senhor Adalberto Guimarães. Na música, o cantor Téo Guedes. Nas artes, Rosângela Aragão. Na poesia, Manoel dos Santos, para citar apenas alguns.

O campo das artes é bem produtivo nesta cidade, novos artistas surgem diariamente.



Marcionílio Souza



Estação Ferroviária reformada em Marcionílio Souza, Bahia

Dados do Município de Marcionílio Souza

A história de Marcionílio Souza remete à era colonial do Brasil, época em que a região era povoada pelos índios Pataxós.

Com a chegada dos portugueses, a área foi incorporada ao sistema de sesmarias, iniciando a exploração de recursos naturais, como a extração de madeira e a criação de gado.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, figura no município de Maracás o distrito de Tamburi, permanecendo assim até 1º de julho de 1960.

A alteração toponímica de Tamburi para Marcionílio Souza foi oficializada pela Lei Estadual nº 1761, de 27 de julho de 1962.

Marcionílio Souza foi elevado à categoria de município

pela mesma lei, desmembrado do município de Maracás.

A sede está no atual distrito de Marcionílio Souza (ex-Tamburi).

O município foi instalado em 07 de abril de 1963 e constituído de dois distritos: Marcionílio Souza e Juraci, ambos desmembrados de Maracás.

Na divisão territorial de 31 de dezembro de 1963, o município era composto pelos distritos de Marcionílio Souza e Juraci, configuração que se manteve em divisões territoriais subsequentes, até a de 2007.

Localização

Marcionílio Souza localiza-se na Chapada Diamantina, uma área montanhosa famosa por sua beleza natural. O município faz fronteira com Maracás, Itaetê, Planaltino, Iaçú e Boa Vista do Tupim.

A cidade é costumeiramente chamada de Tamburi, nome que se refere a uma árvore comum na Região do Baixo Amazonas até o Sul do Brasil.

Essa árvore era citada como referência pelos tropeiros que passavam pela região.

A população avaliada em 2004 era de 9.294 habitantes. Segundo o último censo realizado pelo IBGE, Marcionílio Souza possui uma população superior a 10.900 habitantes.

Em 2022, o município celebrou seus 60 anos de emancipação política, com uma população de 9.267 habitantes, conforme o censo de 2022, e uma densidade populacional de 8 hab./km².

Notas

A principal fonte de renda vem do funcionalismo público, dos aposentados e pensionistas e dos pequenos

proprietários de terras que criam e negociam animais como ovelhas, cabras e bovinos.

A economia local provém majoritariamente da criação de ovelhas, cabras e bois.

Dados gerais:

- Área total: 1.162,138 km²
- IDH (PNUD/2010): 0,561
- PIB (IBGE/2016): R\$ 76.873 mil
- PIB per capita (IBGE/2016): R\$ 7.026,15

Fontes:

- IBGE
- Site oficial da Prefeitura de Marcionílio Souza

Márcia Chaves, educadora em Marcionílio Souza.

Que tal um poema?

De longe vejo a terra

De longe vejo a terra
Solo seco, almas secas
Aguardando chuvas
que abençoem a terra

Como lágrimas de uma mãe
na alegria de um filho que nasce

No ar, a vontade
O calor que afasta o frio
E que não permite
O caminhar das vidas
como risos estridentes
Que isolam,

o espaço a compartilhar

Terra que os poetas
não encontraram palavras para descrever

Que num dia de verão
Viu de longe
Um circo chegar
O palhaço sorrir...
E se perder...

E calaram para sempre o seu riso.

Marcionílio Souza...
Velha Tamburi...

Itaberaba



Gilmar Fotografias & História LTDA.

À distância, as luzes pareciam estrelas
que descansavam sobre a terra.

E, ao passo que me aproximava,
percebia que o verdadeiro brilho
não era originário das estrelas.

Vinha também das pessoas
que passavam na pressa de seus dias,
mas não esqueciam o riso
em casa ou no trabalho...

Pessoas que sonhavam
numa rara tarde fresca de domingo,
visitar a praça do Rosário
para ouvir e contar histórias.

Saber da antiga feira
e as origens do Rosarinho...

E, quando a noite chegasse,
procurar o brilho que emanava distante.

Bem além dos morros, dos ares.

O brilho distante, de Itaberaba...

Como esmeraldas verdes,
ou como o colar na Terra
de apenas uma só pedra.

Uma pedra que brilha...

Um pouco de história

A história de Itaberaba remonta à Capitania de Todos os Santos, nos anos de 1535 a 1548.

Em 1768, as terras foram adquiridas por aventureiros após a venda pelos sucessores do Senhor João Peixoto Veigas.

Em 1806, Antônio de Figueiredo Mascarenhas comprou uma fazenda, onde construiu uma capela central dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

Ao redor dessa capela surgiu um núcleo de moradores que, em 1817, passou a ser conhecido como Orobó.

O povoado cresceu e foi reconhecido como Freguesia e Distrito de Paz de Nossa Senhora do Orobó.

Em 1877, o município alcançou o status de Vila do Orobó, obtendo autonomia político-administrativa com a instalação da primeira Câmara em 30 de junho.

Em 1897, duas décadas após sua emancipação, foi elevada à categoria de cidade.

Curiosidades

Orobó é uma árvore.

“Oribi”, a palavra, também significa bumbum, ouro etc.

Povoado Duas Irmãs



Por Gchaves

A serra era e ainda é verde
E havia e ainda há uma estrada
E do outro lado
Havia um pequeno lago
E as pequenas meninas saíam para brincar
Sim, na serra verde
Havia um lago
E as duas irmãs mergulharam
Para não mais voltar...

E para não esquecer
O povoado
Um trágico nome recebeu.

(Conforme narrada por antigos moradores)



- Narrativas

A velha banda

A Ansiedade do Retorno

A multidão aguardava ansiosa. Antigos fãs queriam ouvi-los novamente e os novos queriam conhecê-los, mas a ansiedade era maior ainda entre eles.

Não se apresentavam juntos havia muito tempo. O cenário havia mudado. As canções de sucesso não diziam nada a eles que amavam a simplicidade das velhas músicas.

Será que aceitariam novamente as suas músicas?

"As coisas mudaram muito." "Não é preciso ser afinado para cantar." "Presença de palco é tudo." "Se for bonitinho e souber se balançar, já está ótimo."

Mas eles já não eram meninos bonitinhos, nem tinham tanta energia para se balançar sem travar a coluna no palco. Ficaram com medo.

O Show da Vida

E enfim, chegou a hora. "E com vocês..."

A plateia aplaudia calorosamente a volta, a volta dos

músicos, a volta da música àquela praça.

E com pernas trêmulas, vozes embargadas – a melodia saiu perfeita, carregada numa emoção que não tinham na juventude.

E o show continuou tempo suficiente para que novos conhecessem e entendessem a história e os antigos fã matassem a saudade.

E o melhor show das suas vidas aconteceu. Havia espaço também para aquelas belas músicas.

E ao fim do show, se abraçaram. Cumprimentaram o público e amorosamente atenderam àqueles que pediram um momento.

E cientes de que a história estava completa, puderam voltar felizes. Sem mágoas.

Podiam parar agora ou até que o desejo os fizesse voltar.

Lembrando os velhos seresteiros

O Último Encontro dos Velhos Seresteiros

Havia uma barraquinha próxima ao muro da igreja, na praça que hoje é conhecida como a Praça dos Ferroviários. Era o ponto de encontro dos velhos seresteiros!

Chegavam aos poucos, cada um trazendo o seu próprio instrumento: violões, pandeiros, cavaquinhos... e

enquanto a cidade se preparava para dormir, a melodia ditava o ritmo dos sonhos.

Ser menino era meio complicado.

Eu ficava à distância, sentado à porta da minha casa, observando cuidadosamente a entonação e decorando quase todo o repertório.

A "Morena Bela do Rio Vermelho" se envaidecia, mas não podia ouvir o clamor de "Fica comigo esta noite" ou a angústia apaixonada de "Onde estás agora?"

Seu Júlio puxava o coro: "Hoje que a noite está calma..." e, num Sol Maior perfeito, as vozes se encaixavam, dando à noite a impressão de harmonia entre lua, estrelas e apaixonados.

"Maria Helena" era a verbena daquela noite. "Meu Grito" era a oportunidade de desabafar entre "Os Verdes Campos da Minha Terra". Às vezes, os músicos cansavam. Então, Seu Júlio, amigavelmente, trazia água para os amigos.

Prontinhos, agora hidratados, voltavam risinhos e com muito mais empolgação e emoção para cantar.

Entre "Negue", "Ronda" e "Vou Sair Para Buscar Você", chegava a hora de partir. E cantavam "A Volta do Boêmio".

Era uma reunião de amigos.

Era um show de amigos para amigos.

O Fim de Uma Era

Esses encontros aconteciam apenas nos finais de ano. A cada ano, porém, o número de velhos amigos da serenata diminuía.

Eram quase trinta no início. No último encontro que pude

contemplar, restavam apenas seis.
Músicos passam. Músicos morrem.

Por fim, Seu Júlio também faleceu. As serenatas acabaram.

A barraca foi demolida e, em seu lugar, construíram uma linda pracinha. Não há marcas ou lembranças daquele terreno onde a velha barraca resistia entre velhos arames.

Novos e belos músicos nasceram, mas jamais saberão o que era sentar entre amigos, rir das próprias falhas, cantar no mesmo tom sem competir. Eles não compreenderão como é bom cantar junto, dividir o prestígio, a emoção, o momento. Assim como deve ser a arte.

A Celebração da Amizade

Talvez a lua não provoque mais a mesma emoção. As pessoas mudam com o tempo e podem pensar que seria tolice cantar sob noites enluaradas.

Mas os seresteiros sabiam: não era a lua em si. Era a celebração da amizade, do amor, em belas e antigas canções. Eles sabiam que um dia tudo aquilo passaria e, por isso, precisavam se encontrar. A lua era apenas um pretexto.

Que os novos amigos encontrem sempre um motivo para se reunir, para celebrar. A vida passa.

Hoje, depois de tanto tempo, me pergunto: "Os velhos, incansáveis seresteiros quase não paravam. O que será que tinha naquela água que Seu Júlio servia?"



Papo de ET: OVNIIs por aí



Papo de E.T.

De repente, voltei a ser o assunto principal nas conversas...

Estava em paz, no meu cantinho do universo, e lá vêm vocês com um tal de

— *“apareceram lá em New Jersey, Massachusetts, Connecticut, Pensilvânia, Virgínia e até lá no Pará”*.

Vocês acham que a minha vida é de viagens eternas?

Desafios terráqueos e a realidade alien

Tanta estrela por aí... e eu vou cair na tolice de entrar num planeta onde os seres só pensam em dominar os mais fracos e acabar com todos os recursos?

Veja só, dia desses inventei de alugar uma casa em Londres. Estava disfarçado.

Lá os preços estão os três olhos da cara... desculpe, são apenas dois!

É que por lá “os mercados” — vocês adoram essa expressão por aqui —, o nome que se dá às poderosas instituições financeiras e comerciais, compraram tudo, e são eles que determinam o valor do aluguel de imóveis.

E sabe no que resultou?

O preço subiu tanto que acredito que sou o primeiro alien caloteiro “das galáxias”!

Tive que sair antes de ver a polícia chegar...

Eu tenho certeza de que esses malditos têm profundo interesse em perpetuar a pobreza e as diferenças sociais. A lógica é simples: quanto mais terráqueos carentes, maior a concorrência por trabalho.

E, quando a busca é maior que a oferta, o valor cai...

Neste caso, a mão de obra fica baratinha...

Mão de obra barata também é uma forma de escravizar. (O povo daqui não sabe!)

Veja você... enquanto isso, aqui do outro lado, vejo países em guerra, outros massacrando seus vizinhos...

Lá no Brasil, um tal de “orçamento secreto”, computadores emprestados a ONGs por mais de R\$ 30 mil a unidade...

Da última vez que estive lá, eu podia comprar um por uns 2 mil.

Fui esperar... e olha o quanto inflacionou.

Reflexões de um alienígena

Lá também “os mercados” querem matar os pobres...

Veja você: um país com orçamento secreto, morte ficta, emenda PIX, pensão para filhas de militares — está pressionando o governo a cortar “benefícios” dos mais pobres.

Por meio de especulação, estão tentando desestabilizar o governo eleito.

Sinceramente... não consigo falar de tudo!

Aí, de repente, alguns engraçadinhos resolvem brincar com seus drones, e vocês começam a fazer piadinhas a meu respeito!

Vocês não têm nada mais interessante pra pensar?

Por exemplo... vocês não fazem pesquisas meteorológicas?

Fotos panorâmicas?

Espionagem?

Por que tudo tem que ser...

o ET aqui, o ET acolá?

Enquanto vocês olham para o céu, as coisas acontecem aqui embaixo!

Vão continuar roubando, matando, escravizando...

Distraindo a sua atenção.

Portanto, mantenha o foco em seus problemas — resolva-os primeiro!

Deixe-me voltar à minha nave-mãe...

é hora dos comprimidos para dormir!

Cenas do cotidiano

Varandas vazias

Talvez seja apenas um saudosismo qualquer, daqueles que costumamos romantizar quando lembramos. Mas percebo hoje como as tradições perdem a força com o passar do tempo.

Na minha meninice, costumava achar estranho quando os vizinhos se sentavam nas varandas de suas casas e conversavam por horas a fio, enquanto nós, crianças da época, brincávamos de um monte de coisas...

Eram amarelinhas, bate-latas (em outros lugares, lateiro), esconde-esconde, futebol e outras brincadeiras que esgotavam nossas energias para que pudéssemos dormir!

Era possível ouvir os velhos conversando e, muitas vezes, gargalhando das velhas histórias... Bem, quando você tem dez anos, todos são velhos!

O fim de junho se aproximava, e não lembro se o tempo era frio ou se eu vivia “pegando fogo”...

O inverno talvez fosse diferente.

As festas juninas também...

Os ritmos predominantes nas rádios eram, religiosamente, o forró e o baião.

Destacavam-se nas rádios Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Trio Nordestino, Marinês e Sua Gente, Genival Lacerda, que me trazia risos por causa

de sua dança exótica, entre muitos outros...

Grupos de meninos saíam pelas casas perguntando:

— *“São João passou por aqui?”*

Os moradores, seguindo a tradição, os presenteavam com os frutos da época, que iam desde amendoins, canjicas e laranjas até bolos de milho!

Com exceção do senhor Jailson, que, ao receber os meninos, levava-os até o portão e apontava para a esquina, dizendo:

— *“Passou sim, e pelo tempo acabou de subir a esquina... Corram que vocês o alcançam!”*

Normalmente, os meninos inocentes soltavam palavras nada infantis!

Pareciam monstros no Halloween!

Mas tudo era encarado com bom humor.

Novos cantores entraram em cena, trazendo inovações e acrescentando novos instrumentos ao forró, e, aos poucos, o velho forró foi perdendo suas características.

Mas me emocionava ainda o modo como os novos cantores reverenciavam os pioneiros do baião e do forró...

E, com o tempo, tudo mudou!

Canções tradicionais foram perdidas no tempo, e hoje não se vive o momento. Lamento dizer, o momento é extremamente pobre!

As canções foram feitas para serem descartáveis e as pessoas se habituaram a isso, não por serem vítimas, mas para não serem diferentes!

As pessoas, assim como as músicas atuais, conservam a mesma essência.

Vivem apenas para exibir felicidades fabricadas em redes

sociais e vender imagens...

Não importa o passado ou o futuro — “*consuma o presente*”, e isso é diferente de “*viva o presente*”!

Viver o presente é saber usufruir um show, em vez de gravar no celular para assistir mais tarde em casa ou postar nos status.

Ou mesmo fazer selfies em frente a palcos apenas para mostrar que também estive lá...

Quando nada de especial fica gravado na memória para recordar um dia.

Ou até mesmo passar dias tentando memorizar letras de uma música que será esquecida nas manhãs seguintes, apenas para não se sentir fora do contexto!

E as varandas vazias esperam por pessoas que tenham o que conversar, enquanto seus filhos poderiam brincar juntos na varanda...

Muito tempo se passou desde aqueles antigos forrós e das conversas animadas entre vizinhos...

A comunicação atual se resume a breves conversas em aplicativos, à exibição da vida perfeita nas redes sociais e a pessoas idênticas cada vez mais solitárias, no meio da multidão...

O forró, assim como tudo o que chamam de velho, vai perdendo espaço para novos e pobres estilos, pois um dia algum bom publicitário disse:

— “*O mundo é dos jovens...*”

e passou a ditar o que os jovens devem ouvir, para não serem taxados de ultrapassados!

E desde então, velhos tesouros passaram a ser desprezados em prol de latões que brilham sob holofotes.

A música, como arte, deveria ser valorizada ainda mais com o tempo, isso é fato!

Novas canções, como novas obras de arte, deveriam enriquecer o acervo, mas, como produtos descartáveis que são, durarão até o dia seguinte ou, quem sabe, até a próxima semana!

As tradições foram apagadas...

Não sei se morreram ou se foram apenas esquecidas.

Enquanto isso, varandas vazias esperam por pessoas que tenham o que conversar, enquanto seus filhos brincam juntos na varanda...

O mundo dos robôs

O declínio da humanidade

E, no futuro, os robôs substituirão o trabalho humano...

Ninguém mais será escravizado.

Todos terão tempo para dedicar à família, aos amigos... à vida.

Assim, o primeiro trilhadrário do planeta esbanjava seu otimismo para o futuro.

Suas imensas pastagens, antes cuidadas por humanos que reclamavam das péssimas condições de trabalho, que reclamavam do salário que não dava para comprar aquilo

que eles ajudaram a plantar...
e que adoeciam por causa disso — causando prejuízo ao amoroso patrão que, por anos, era, apenas, um pobre bilionário.

O mundo agora arruinado, com a população reduzida e ocupado apenas pelos que se beneficiaram da escravidão ao longo dos séculos, era um lugar tranquilo — sem pobres.

Os rios e mares agora tinham donos.
Assim como os países e as cidades.

Marte não chegou a ser ocupado.
A nave explodira com os primeiros bilionários que tentaram colonizar o planeta vermelho; ninguém soube o motivo.

A base lunar também não fora ocupada.
Ficou apenas no sonho de veraneio de quem tinha muito a gastar.

Enquanto isso, um pobre milionário talvez não tivesse os robôs da última geração e comprasse, dos pobres bilionários, robôs usados.

Os subumanos e o ciclo da exploração

Os subumanos, por outro lado, viviam à margem de tudo.

Antes conhecidos como pobres, agora não se designavam mais humanos.

Escondidos em territórios estéreis e abandonados, sobreviviam de restos que sobravam das máquinas ou das mãos generosas de algum “pobre bilionário”.

Eram menores que os robôs, que ao menos tinham tarefas definidas.

Agora, menos importantes que as máquinas, faziam o impossível para sobreviver...

Eram explorados nos limites da vida, forçados a realizar tarefas brutais, sem um propósito além da sobrevivência.

Mas, mesmo assim, ainda sonhavam.

Uma utopia esquecida, perdida no que restava da memória humana.

As máquinas do futuro eram condicionadas, assim como os pobres do passado.

Não tinham direito a sonhar, às aspirações que todo ser humano precisa ter para crescer, para se realizar.

Recebiam ordens e distrações necessárias à cegueira de uma vida sem sentido — enquanto eram gradativamente substituídas!

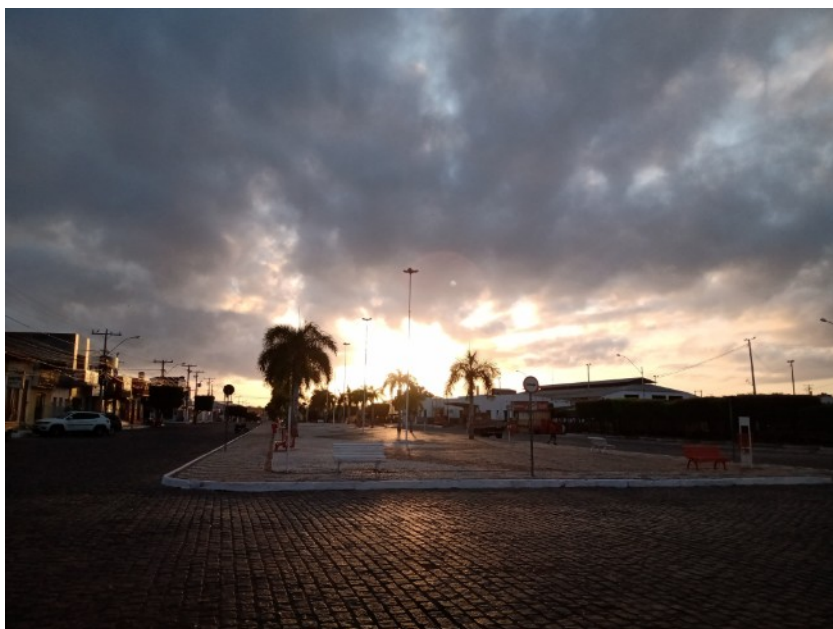
Mais tarde, enquanto as máquinas faziam o trabalho, as fontes de energia cessaram — e elas pararam!

Pararam como humanos, mortos pelo cansaço e pela exploração.

Os subumanos foram então lembrados...
quais escravos!

E voltaram a ser os escravizados, que se queixavam, que reclamavam — que eram condicionados, programados para isso!

E a vida continuou assim, sem rumo, até o fim — até que o pesadelo acabasse!





De degraus e silêncios

Sentado sozinho, nos degraus em frente à sua casa, ele passava os dias.

Há pouco tempo, seu filho, deitado num velho sofá, na sala, dormia, confiando no poder amoroso da cura, na presença dos pais.

Ainda sonhava com os tempos em que um beijo no machucado aliviava as dores e fechava as feridas, embora isso já fosse há mais de quarenta anos no passado.

Mas filhos não envelhecem...

E, sentado sozinho nos degraus, o pai não olha para trás, para não lembrar do amor de sua mocidade, já cansada de carregar o peso do tempo, indo e vindo entre a cozinha e a sala onde o eterno menino dormia.

Relembra as primeiras quedas, os abraços e os planos para o futuro...

E acredita no ciclo natural...
em que os mais velhos preparam o mundo para os novos.

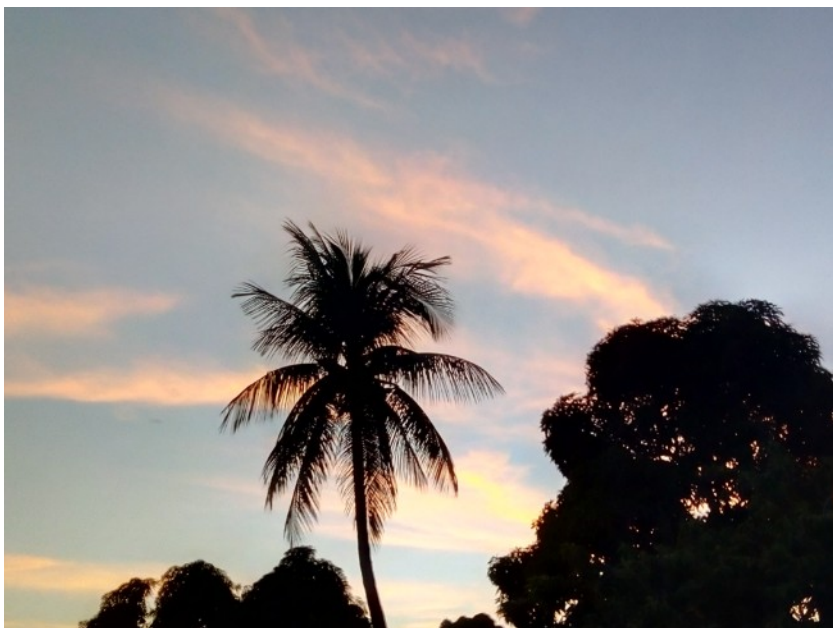
Mas, desta vez, não foi assim...

E ele, sentado nos degraus, sem olhar para trás, tenta questionar o tempo.

Como se estivesse ansiosamente esperando uma resposta do futuro.

Pois, desta vez, a sala vazia e o silêncio na cozinha lembram quantas adversidades um homem só — neste mundo tão grande — pode enfrentar, sem entender o motivo.

E ele jamais entenderá...



Entre versos e pensamentos

Poema ao amanhecer do Outono

A calma nas ruas
e o gosto suave do frio que se aproxima
e me trazem de volta
o sabor do encontro das estações
Flores tímidas, nordestinas
Olhar suave de menina...
Pessoas passam nas mesmas ruas
sem contemplar o céu
sem estrelas, sem lua, sem nada
como num branco papel
A ser preenchido com letras, palavras, com lágrimas
E quando se retirar o véu...
dele brotará um sol
e ventos, do olhar que fascina
que trazem das estações, o encontro
de flores tímidas, nordestinas
onde se escondem atrás de nuvens, estrelas
e o brilho doce do olhar de menina.

Noites de Outono

O outono chegou,
as folhas ainda não caíram
mas temos chuvas e tempestades neste lado do mundo.
Trovões cantam alto
e os flashes dos raios
me apressam.
Os passos se aceleram
mas não podem correr,
não tenho mais o mesmo ritmo...
Mas o frescor ainda está aí...
Você pode ficar confuso,
não é verão, nem tem cara de inverno
e quando isso acontecer...
Sorria, já é noite e
é outono!
É o outono da vida!

Do começo ao fim

O amor é o resumo,
mesmo que as palavras não descrevam plenamente a

história
do começo ao fim.
O amor
o bercinho
os primeiros esboços de risos
o amor renovado...
A insegurança
os primeiros passos
as primeiras quedinhas
e a preocupação...
As primeiras palavras
e os risos orgulhosos de quem nos ama
A igualdade
as brincadeiras da infância
a primeira escola
A diferença
as dúvidas
as espinhas
o primeiro beijo.
Os erros
o choro
o medo de ficar só
O encanto
os primeiros encontros

o medo de errar novamente
Uma proposta
a certeza
o sim...
Um dia feliz
a festa
um susto.
A barriguinha
um cantar a noite inteira...
e suas primeiras palavrinhas erradas...
E então
rir com nossas crianças, novamente,
como nossos pais riam
e ver nossos adolescentes.
Novos traços, primeiras rugas
Ver novamente e pela primeira vez
os primeiros fios brancos
e talvez, tentar esconder novamente.
E então, filhos crescidos
e, eternas crianças, ganhando asas...
As velhas preocupações
o cansaço dos anos de serviço
um amor renovado a cada dia.
Ver então,

nossos cabelos totalmente prateados, escassos
resumindo tudo,
e não pouco.

E cabelos como a neve e a pele enrugada
nos mesmos traços, lindos,
coisas que só o amor pode ver.

E então,
abrir os olhos pela ultima vez
e contemplar novamente a mesma pessoa amada
E lembrar, de tudo...

Do começo ao fim
e poder fechar os olhos,
em paz.

Poeta (Sinfonia de Asas e Versos)

O poeta quer voar
por favor, não lhe corte as suas asas
não pode a sua imaginação
não lhe dê limites...
Não lhe proteja dos sonhos,
das tempestades,
do sol escaldante,
da esperança...
E se seus anseios se frustrarem
não lhe corte a pena...
Deixe que viva.

A prisão da alma

Ele saiu de casa determinado a acabar com o mundo
não retribuía aos acenos
não sorria,
esbravejava com quem o cumprimentava.
Ele partiu de casa, determinado a revidar contra o mundo
todas as injustiças que a vida lhe impôs:
as perdas, a solidão, a timidez
golpeava o ar, como a um adversário imaginário.

Saiu de casa
apenas para fazer o mesmo:
sua rotina, sua pressa, sua raiva
e não queria mudar.

Saiu
apenas por sua obrigação
por um nada, por um fim de mês
pela raiva...

E teve um péssimo dia...

Pois estava preso...

numa mente cativa!

Se pudesse voltar no tempo

"Um Abraço ao Passado"

Se você pudesse voltar no tempo e dar um conselho ao
você jovem, que conselho daria?

Se isso acontecesse comigo...

Sei que antes de tudo eu me daria um abraço...

Sim, me daria um abraço, pois sinto saudades daquele
jovem.

Lembro sua inocência, seus sonhos e até mesmo das
besteiras que fez (ou, que fiz!).

...e como foi difícil para ele (para mim).

Diria a ele, (isto é, a mim mesmo) que não tivesse medo de
se apaixonar tantas vezes,
E de passar por tolo, várias vezes...

"Permita-se Sentir"

Diria que aquela tristeza seria superada, e que com o
tempo ele iria até achar engraçado...

Diria também que não tivesse medo de dançar,
De parecer ridículo, e de ser menino várias vezes na vida...

Diria também que ele (eu) chorasse sempre que tivesse
vontade, pois os humanos choram.

E que aquele papo de homens não choram, é conversa de
imbecil insensível.

Que ele se (eu me) permitisse chorar.

Ah! Eu diria àquele jovem

Que não tivesse medo do estranho, e que fosse paciente com os carentes...

Pois todos são carentes em alguns momentos.

"Não Tema o Futuro"

Se eu pudesse voltar no tempo

E me dar um conselho

Diria a mim mesmo, que me permitisse amar e ser amado,

Pois, ainda que clichê, amar é um privilégio dos vivos...

E se aquele jovem curioso me indagasse sobre o futuro, eu não o diria.

Diria apenas que não tivesse medo do futuro...

Que não temesse noites sem sono, não falaria a respeito da filha que viria a nascer quando ele menos esperasse...

Não falaria sobre perdas...

As perdas aconteceriam - mas, ele não precisaria saber,

Isso o permitiria amar espontaneamente...

Que não tivesse medo de dizer "eu te amo"

E que não deixasse passar as oportunidades.

Pois, ele ainda teria várias oportunidades, então que amasse...

Não diria que aqueles seus amigos só estariam até a página 12,

E que eles precisariam seguir suas vidas.

Também não falaria dos falsos amigos...

Eles o ensinariam muito sobre a vida...

E que doenças acontecem.

Que se permitisse chorar.

Sorrir...

Mas que não ficasse ansioso,
Pois tudo aconteceria em sua vida...
E ele precisaria disso tudo...

E se ele, isto é, eu chorasse,
Eu o (me) diria...

Não tenha medo... nem fique triste.

Eu vou estar olhando para você, em seus olhos todos os
dias,

Todos os dias, esperando para ser quem sou.

Todas as vezes que ele se olhar no espelho.



Pensamentos soltos...

Eu odeio chavões

Aconteceu hoje um divisor de águas em minha vida e, para abrir este texto com chave de ouro, resolvi comprar a briga e assumir que odeio chavões.

Antes de mais nada, permita-me explicar: chavões são aquelas expressões ou frases que, de tão repetidas, perdem o efeito, se tornam ridículas e atingem em cheio a minha paciência.

Acreditar que, ao expressar este descontentamento, chegaremos a um denominador comum seria chover no molhado!

Mas vou entregar de mão beijada e sem meias palavras, colocar um ponto final nessa história.

Já está inserido no contexto que alguns buscam um lugar ao sol fazendo uso deste recurso, mas vou fazer uma colocação: isto apenas empobrece o texto!
É um erro gritante!

Então, vamos pôr a casa em ordem e, para preencher esta lacuna, vamos fazer uso do leque de opções existentes, essa fonte inesgotável que é a língua viva — e ela tem poder de fogo!

Estaremos em pé de igualdade ao fazer bom uso dela!

O que foi propriamente dito não foi para gerar polêmica.

Mas decidi pôr as cartas na mesa, a mão na massa e, nesta reta final — até porque já é tarde — a rainha da noite, que brilha no infinito, me lembra da hora de dormir para a chegada do astro-rei!

Para encerrar com chave de ouro este texto chato, vamos ser mais criativos e andar dentro das quatro linhas!

Que língua você fala?

Português?
Tem certeza?

A interpelação em qualquer vernáculo atinge seu ápice quando a epístola é percucientemente internalizada.

Recorrer a locuções requintadas parece conferir uma estética mais nobre, culta — contudo, o desiderato de uma língua é o colóquio!

Coloquiar é asseverar-se de perceber e ser perspicazmente reconhecido.

A utilização de tais termos descontextualizados apenas ressaltará, não a erudição do interlocutor, mas sim sua rusticidade.

Destarte, no cotidiano, simplifique.
Assegure-se de edificar a mútua sapiência!

E, se a presente disquisição não lhe é acessível, não temais: existem maneiras mais límpidas de se expressar.

A comunicação possui um desiderato!

Traduzindo:
seja simples!

O objetivo de uma linguagem é possibilitar a comunicação e o entendimento entre as pessoas!

Sobre o autor

Gilson Cruz Chaves escreve como quem observa.
Cidades pequenas, pessoas comuns, silêncios longos,
memórias que insistem em ficar.

Não se apresenta como especialista em nada — prefere
escutar, lembrar e registrar. Seus textos caminham entre
crônicas, poemas e reflexões, quase sempre guiados pela
simplicidade da linguagem e pela convicção de que
comunicar é mais importante do que impressionar.

Escreve sobre o que viu, o que viveu e, muitas vezes, sobre
o que apenas sentiu. Acredita que a palavra não precisa ser
difícil para ser profunda, nem alta para ser verdadeira.

Este livro não pretende explicar o mundo.
Apenas partilhar alguns pensamentos soltos —
entre versos, crônicas e silêncios.

Conheça outras obras do autor

Gilson Cruz Chaves é autor de outros livros que transitam entre crônicas, poesia e reflexões sobre o cotidiano, a memória e o tempo.

Seus trabalhos mantêm a mesma proposta deste volume: textos simples, acessíveis, atentos às pequenas histórias e aos silêncios que costumam passar despercebidos.

O Amor do Tempo



E se, por um instante, o tempo resolvesse parar... apenas para conversar com você?

Em *O Amor do Tempo*, uma voz incomum conduz o leitor por memórias, dores, silêncios e delicadezas: a própria voz do Tempo, que se senta ao lado de uma menina marcada por perdas e perguntas profundas sobre a vida. A partir desse encontro, nascem histórias entrelaçadas — de pais ausentes, professores esquecidos, amores interrompidos, destinos desviados e pessoas comuns que carregam mundos inteiros dentro de si.

Entre relatos íntimos e reflexões poéticas, o romance percorre gerações, cidades, afetos e cicatrizes, revelando que todos somos feitos de espera, lembrança e esperança.

Cada personagem surge como fragmento de humanidade: o professor que sonhava mudar o mundo, a jovem que dançava para esconder a dor, os amores que não chegaram a tempo, os que resistiram ao próprio tempo.

Com uma narrativa sensível e profundamente humana, o livro convida o leitor a desacelerar, escutar seus próprios silêncios e reconhecer as marcas invisíveis que moldam quem somos. Mais do que uma história, é uma experiência emocional: um diálogo íntimo com aquilo que nunca para... mas que, às vezes, escolhe permanecer.

Porque talvez o tempo não cure tudo.

Mas ensine.

Transforme.

E, sobretudo, acompanhe.

FRAGMENTOS – Um Romance-memória



A quem pertencem as histórias quando a memória começa a apagá-las?"

Manoel sempre acreditou que a vida era feita de sons, palavras e pequenas epifanias cotidianas. Músico de bar, professor, pai amoroso, marido devoto e guardião de memórias, ele atravessou a existência colecionando momentos que, aos poucos, começaram a escapar pelas frestas do esquecimento.

Quando os primeiros lapsos surgem — um nome que foge, uma melodia que não retorna, um objeto familiar que já não reconhece — Manoel decide enfrentar o medo mais

profundo: perder a própria história. É assim que nasce o impulso de registrar tudo o que viveu, antes que a memória o abandone de vez.

Entre lembranças de infância na casa próxima à linha do trem, as paixões adolescentes, a música que embalou seus sonhos, o amor que lhe deu sentido e a família que o sustentou nos dias sombrios, Fragmentos reconstrói a jornada de um homem marcado por afeto, perda e resistência.

O romance acompanha, com lirismo e coragem, a deterioração provocada pelo Alzheimer — mas também a força daquelas que o amam, e que insistem em manter viva a chama do que ele foi. Em cada capítulo, um pedaço de vida se ilumina: o pai que ensinou coragem, a filha que foi poesia, a mulher que permaneceu ao seu lado quando as palavras desapareceram.

Fragmentos é um testemunho de humanidade.

Uma celebração da memória, mesmo quando ela falha.

Uma declaração de amor às histórias que nos constroem — e que continuaremos a contar.

Crônicas do Cotidiano - Para Continuar a Estrada



A vida muda — às vezes devagar, às vezes de repente — e é dessas mudanças que nascem as melhores histórias. Entre lembranças que insistem em permanecer, amores que seguem outro rumo, cenas do Brasil que fazem rir para não chorar e pequenos gestos que iluminam dias inteiros, *Crônicas do Cotidiano* reúne textos que caminham entre o real e o poético, o trágico e o cômico, o íntimo e o universal.

Do encerramento de um antigo site que virou abrigo de memórias ao improvável romance entre um poeta e uma inteligência artificial, passando por personagens do futebol de várzea, figuras de um Brasil que resiste, e poemas dedicados às filhas e sobrinhas que mudaram tudo

sem pedir licença — este livro é um convite para desacelerar e olhar de novo para o que sempre esteve aí.

Com humor, emoção e uma boa dose de ternura, Gilson Cruz Chaves transforma o cotidiano em estrada, e cada crônica em uma pequena luz para quem também segue tentando encontrar o melhor caminho.

Porque continuar a estrada nem sempre é fácil — mas é sempre possível.

Crônicas do Cotidiano – Um Novo Jeito de Ver



Você já reparou que os melhores momentos da vida passam despercebidos?

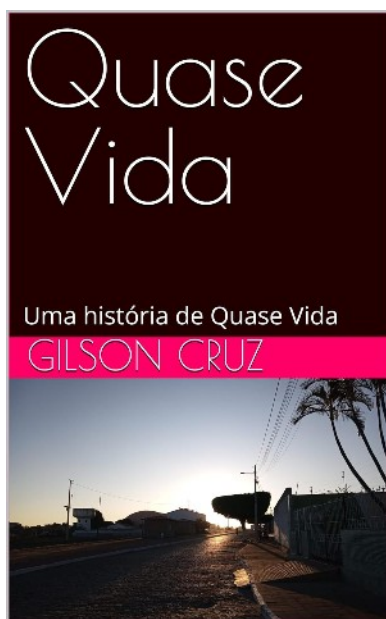
Gilson Cruz mostra que não precisa ser assim.

Em *Crônicas do Cotidiano – Um Novo Jeito de Ver*, cada crônica é uma pausa para olhar o mundo com mais humanidade. Aqui, fatos históricos, memórias pessoais, poesias e reflexões se encontram para revelar lições escondidas nas pequenas cenas do dia a dia.

Um livro que emociona, provoca e inspira — perfeito para leitores que gostam de enxergar além do óbvio.

Prepare-se para rir, lembrar, refletir e, acima de tudo, ver a vida com outros olhos.

Quase vida – Uma história de quase vida



Uma história de quase vida é um pequeno conto sobre existências silenciosas, marcadas pelo trabalho, pela espera e pelas escolhas que nunca chegam a acontecer. Em uma pequena cidade esquecida pelo progresso, acompanhamos trajetórias que se confundem com a rotina e com a desigualdade social, onde viver muitas vezes se resume a resistir.

Com uma narrativa sensível e contida, o livro observa o desgaste dos dias e a ausência de promessas, até que o poema “Não se emenda”, ao final, surge como um eco duro e necessário — não para explicar, mas para aprofundar o que já não pode ser remendado.

Uma leitura breve, direta e inquietante, que convida o leitor a reconhecer o limite entre existir e, de fato, viver.

As obras citadas neste livro estão disponíveis na Amazon e no Clube de Autores.